
MODALIDADES DO ESPAÇO EM *A ILUSTRE CASA DE RAMIRES*: O espaço-moldura e os objetos-personagens

Marisa Amarante Cheung GAVASSI¹

RESUMO: A disposição dos objetos em *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queiroz estabelece um código não-verbal para a comunicação de sentimentos e atitudes. Certos objetos são verdadeiras personagens em ação porque desencadeiam alguns eventos e promovem o desfecho de outros, de modo que a descrição do espaço pode antecipar a maneira de ser e de agir das personagens.

UNITERMOS: Literatura Portuguesa; Realismo; espaço; personagens; *A Ilustre Casa de Ramires*; Eça de Queiroz.

A Ilustre Casa de Ramires foi publicado pela primeira vez pela Editora Chardron em 1900, ano da morte de seu autor, Eça de Queiroz. Juntamente com a *Correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras* e *Últimas Páginas* pertence à terceira fase da produção literária queiroziana cuja característica primordial é a dialética idealismo *versus* realismo. Esses romances se opõem aos "romances-inquéritos" à medida em que a situação social já não é tão determinante da ação das personagens.

A Ilustre Casa de Ramires é um romance composto de doze capítulos. Diegeticamente, podemos dividir o romance em três partes, segundo o comportamento da personagem Gonçalo Mendes Ramires:

¹ Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa. Professora do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UNIMAR - Universidade de Marília. 17.525-902 - Marília - SP.

1ª parte: caracterizada pela decadência material da Torre e moral das pessoas (Ramires). Está compreendida entre o 1º e o 9º capítulo, onde Gonçalo é manipulado pelo medo e pelo poder (representado por André Cavaleiro e João Gouveia);

2ª parte: a denominamos de catarse. É composta pelos capítulos X e XI, que compreende o episódio do chicote, que é um feito heróico de Gonçalo e o torna um verdadeiro Ramires. Consiste na tomada de consciência (desde o início do capítulo), a ida à África e o sucesso pessoal de Gonçalo (moral e político);

3ª parte: marcada pelo progresso, sucesso e recuperação material e moral. Compreende o capítulo XII onde, passados quatro anos, é narrado o sucesso de Gonçalo no dinheiro, no amor e no prestígio, que se traduzem no enriquecimento na África, na possibilidade do casamento com Rosinha e na recepção festiva em Portugal. A recuperação material se configura nas reformas da Torre e por conseguinte, pela volta à prosperidade do passado. A recuperação moral se dá pelo fim do relacionamento de Gracinha e Cavaleiro, que significa a reconquista da honra da família.

Ao lermos *A Ilustre Casa de Ramires* notamos a importância capital dos elementos espaciais associados às personagens para a determinação da ação diegética. Por isso, destacamos a relevância do estudo do espaço nesse romance. Para tal, nos apoiaremos teoricamente na tipologia de Osman Lins (ambientação, espaço-moldura) e na semiologia dos objetos e na poética do espaço de Bachelard.

O microespaço: a subjetividade e o perfil das personagens através do espaço-moldura e da topoanálise.

O microespaço, ou seja, o local delimitado, seja ele um quarto, uma sala ou até mesmo uma casa, tem função caracterizadora em *A Ilustre*

Casa de Ramires, ou seja, nos informa, através da escolha e da disposição dos objetos a maneira de ser de uma determinada perso-nagem mesmo antes que a vejamos em *ação*. Determinamos desta forma o *espaço-moldura*.

Se, o espaço-moldura tem a função de caracterizar indiretamente a personagem, pode-se inferir que tal processo se realiza em torno de personagens determinantes da ação na narrativa. Por isso, temos o espaço-moldura de Gonçalo, André Cavaleiro e Gracinha.

Relacionados a Gonçalo é que temos a maior quantidade de ambientações devido à sua posição de protagonista. Em todas as descrições da torre notamos as nuances de fidalguia, da tradição e da decadência, que são substituídos ao final por aquelas caracterizadas pela recuperação e pela melhoria. Destacamos, a seguir, o primeiro espaço-moldura de Gonçalo no romance:

A sala de jantar da torre, que abria por três portas envidraçadas para uma funda varanda alpendrada, conservava, do tempo do avô Damião (o tradutor de Valério Flaco), dous formosos panos de Arrás representando a Expedição dos Argonautas. Louças da Índia e do Japão, desirmanadas e preciosas, recheavam um imenso armário de mogno. E sobre o mármore dos aparadores rebrilhavam os restos, ainda ricos, das pratas famosas dos Ramires, que o Bento constantemente areava e polia com amor. (Queiroz, 1961, p. 58)

Através da caracterização da sala de jantar podemos traçar o perfil de Gonçalo: descendente de fidalgos ricos e famosos que no momento atravessa dificuldades financeiras. Por isso, não consegue manter a prosperidade de outrora, embora conserve e habite a torre decadente, cuidando do patrimônio herdado e vivendo, à medida do possível, como um fidalgo.

O espaço-moldura de André Cavaleiro é a sua casa, cuja descrição nos permitirá distinguir essa personagem:

A casa do Cavaleiro em Corinde era uma edificação dos fins do século XVIII, sem elegância e sem arte, pintada de amarelo, lisa e vasta, com quatorze janelas de frente, quase ao meio de uma quinta chã, tôda de terras lavradas...

(Queiroz, 1961,p.77)

André Cavaleiro pode ser interpretado a partir do espaço que ocupa como uma pessoa de posses, porém, sem origens nobres. A própria cor da casa não é acidental. O amarelo representa o poder, a riqueza e a ambição. O próprio nome de André é desprovido de relações genealógicas e conota uma posição subalterna. Se, a ambientação que temos da casa de Gonçalo transmite a sensação de frescor e aconchego, da casa de Cavaleiro as impressões são de aridez e vastidão. Na torre, mesmo decadente, sobrevive a tradição e a nobreza da família em objetos que com o passar do tempo vão se tornando mais preciosos (panos, louças, pratos) e conservando sua solidez (mogno e mármore) como a estirpe dos Ramires.

Se atentarmos para o fato que Gonçalo traça um percurso de reconstrução e reconquista da tradição e da honra, ele é por isso, o protagonista da narrativa. A dupla André e Gracinha funciona, a princípio, como comparsa pois proporciona as conquistas políticas de nosso herói. Entretanto, a partir do instante em que se desenvolve a catarse e a reavaliação de valores em Gonçalo, a união dos dois se torna uma mácula e dessa forma, a dupla passa a ser antagonista. Dois momentos importantes envolvem as personagens Cavaleiro e Gracinha: o momento da sedução e o da consumação do adultério. Para cada situação nos é apresentado um espaço-moldura característico, que nos faz inferir de imediato, ações posteriores. Como espaço-moldura da sedução temos:

Mas à tarde, quando o fidalgo ocupou o seu lugar na mesa oval, junto da prima Maria Mendonça - logo notou, entre duas compeiteiras, uma travessa de ovos queimados. Apesar de jantar tão íntimo serviam, com louça da China, os famosos

talheres dourados da baixela do tio Melchior. E duas jarras de Saxe transbordavam de cravos brancos e amarelos, côres heráldicas dos Ramires. (Queiroz, 1961, p.194)

A escolha e a disposição dos objetos na mesa de jantar nos revela que um jogo de sedução está acontecendo e que um envolvimento é iminente. A presença da travessa de ovos queimados representa o consentimento de Gracinha quanto à corte de André Cavaleiro, pois Gonçalo aludira anteriormente ser um prato muito apreciado por André. A questão da cerimônia com o convidado é ilustrada pela louça chinesa, pelos talheres dourados e pelas jarras de Saxe. Tais detalhes vem a reiterar a importância da tradição e da origem de glórias e riquezas dos Mendes Ramires, principalmente pelos cravos com as cores heráldicas da família. Além disso, a cerimônia tem a finalidade de bajular o Cavaleiro a fim de conseguir proveitos políticos para Gonçalo. A persistência da cor amarela que, metaforicamente, corresponde ao poder, à riqueza e à ambição, estão presentes nos "ovos queimados", nos "talheres dourados" e nos "cravos amarelos" e representa André Cavaleiro, já que anteriormente o amarelo de sua casa já fora relacionado com o seu perfil e o seu comportamento, justificado pela falta de linhagem. O amarelo também representa a ambição política de Gonçalo e os meios inescrupulosos que utiliza.

O espaço-moldura do adultério é, sem dúvida, o mirante:

...E daquela borda do tanque já êle avistava ao fundo de outra rua, debruada de dalias abertas, o mirante – uma construção do século XVIII, simulando um templozinho grego, côr-de-rosa desbotada, com um gordo Cupido sôbre a cúpula, e janelinhas de rocalha entre o meio relêvo das colunas caneladas, por onde trepavam jasmineiros.

(Queiroz, 1961, p. 254)

Toda a descrição do mirante é caracterizada pela sensualidade, a começar pela sua localização idílica *ao fundo de outra rua debruada de dalias abertas*. A semelhança com um templo grego leva-nos a correlacioná-lo com o epicurismo e portanto, às delícias do amor. A sua cor, *côr-de-rosa desbotada*, remete à condição de abandono do local e por isso, tornando-o ideal para encontros furtivos. A presença do Cupido na cúpula do mirante personifica-o como templo do amor. As *janelinhas de rocalha entre o meio relêvo das colunas cane-ladas* é um apelo visual da beleza e do luxo do lugar, mas que também podem representar a sensualidade à medida que a rocalha imita pérolas e estas são ornamentos femininos. Por fim, os jasmineiros são um apelo ao olfato, já que os jasmims são flores que exalam um perfume muito forte e abundante e por isso, sugerem luxúria.

Outro procedimento de abordagem do espaço, relevante em *A Ilustre Casa de Ramires* é a topoanálise, isto é, "o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima" (Bachelard, s.d., p. 202). Tal estudo é justificado pela correspondência intrínseca entre a torre e Gonçalo, que determina a temática central do romance: a recuperação do Homem-Portugal.

A verticalidade da Torre pode ser dividida em dois polos: o térreo e o aéreo. O pólo térreo está ligado à idéia de irracionalidade, obscuridade, morte, intriga e toda a sorte de sentimentos negativos. De fato, enquanto a posição espacial de Gonçalo em relação à torre é inferior, os acontecimentos que acometem a personagem são negativos, de degradação, desprovidos de razão, de consciência. A partir do momento em que Gonçalo resolve conhecer a torre e se propõe a subir suas escadarias (Queiroz, 1961, p. 349-350), vai se tornando o senhor dela. A razão faz com que consiga discernir seus sentimentos e atitudes e que doravante ele saiba traçar seu próprio trajeto. É momento da catarse:

E o fidalgo da tôrre, imóvel no airado da tôrre, entre o céu todo estrelado, e a terra escura, longamente revolveu pensa-

mentos da vida superior - até que enlevado, a como se a energia da longa raça que pela torre passara, refluxisse ao seu coração, imaginou a sua própria encaminhada enfim para uma ação vasta e fecunda, em que soberbamente gozasse o gozo do verdadeiro viver, e em torno de si criasse vida, e acrescentasse um lustre novo ao velho lustre de seu nome e riquezas puras o dourassem e a sua terra inteira o bem-louvasse, porque êle inteiro e num esforço pleno bem serviria a sua terra... (Queiroz, 1961, p.354)

A partir da conquista da torre e da catarse, Gonçalo muda totalmente o rumo de sua vida em direção ao sucesso. Segundo Bachelard, "a casa remodela o homem" (Bachelard, s/d, p. 228). Dessa forma, assim que Gonçalo se insere no cosmos de seus antepassados, incorpora toda a bravura, sua prontidão e sentimentos relativos à honra e à dignidade.

A torre é, em *A Ilustre Casa de Ramires*, um elemento plurissimbólico. Representa metaforicamente o homem (Gonçalo) e a raça (povo português) e, metonimicamente, Portugal.

As descrições da torre no decorrer da narrativa, à primeira vista podem ser considerados motivos livres, detalhes cuja exclusão não compromete a diegese. No entanto, numa leitura mais profunda, notamos que tais motivos tem significado contextual e sua função é caracterizadora, ou seja, as condições físicas da torre são homólogas às atitudes do protagonista. Assim, podemos distinguir a torre em três momentos:

a) **torre degradada:** A torre representa um passado próspero e de bravura dos Mendes Ramires. A sua degradação corresponde à decadência da família Ramires ao passar do tempo. Nessa primeira etapa a torre é descrita por aspectos sombrios de abandono e a cor predominante é o preto e os tons escuros.

b) **torre iluminada:** Simboliza no presente o elo de união entre Gonçalo e sua raça, pois se torre conota honra e bravura, depois do episódio do chicote, Gonçalo torna-se seu senhor. A iluminação da torre no dia da eleição corresponde ao sucesso e à tomada de consciência do herói e se opõe à obscuridade do momento anterior caracterizado pelo medo e pela humilhação.

c) **torre em reforma:** Graças ao enriquecimento de Gonçalo na África, a torre é recuperada, *despertando daquela modorra, em que tudo dentro parecia tristemente apagado, até o lume das caçarolas...* (Queiroz, 1961, p. 361). Tal recuperação providencia a volta à prosperidade, à retomada da glória do passado.

A estreita ligação de Gonçalo com a torre e a comparação de Gonçalo a Portugal nos faz deduzir que o autor reconstitui no romance toda a trajetória traçada por Portugal: o passado de conquistas e glórias (levantado na novela histórica de Gonçalo), a inércia econômica, o processo de degradação material e moral e a recuperação econômica resultante da ida à África. Portugal é representado metonimicamente pela torre, ou seja, a sua arquitetura e características físicas e espaciais retratam o país, cuja tradição e passado gloriosos ficaram edificadas em seus castelos, povoados e cidades.

Os objetos-personagens: os objetos postos em cena que desencadeiam a ação diegética

Nos romances queirozianos o espaço é de suma importância, pois a organização e a disposição dos objetos constituem um código não-verbal para a comunicação determinados sentimentos e atitudes. Por isso, certos objetos, em determinados episódios, são verdadeiras personagens em ação, pois desencadeiam alguns acontecimentos e promovem o desfecho de outros. Em *A Ilustre Casa de Ramires*,

particularmente, os objetos possuem duas funções fundamentais: a de caracterizar seu dono e o de influir na ação diegética. Dentre os objetos do primeiro grupo podemos destacar:

a) o guarda-sol que Gonçalo dá a Gracinha:

...Pois corria a Vila Clara pedir ao Senhor Manuel Duarte, que lhe comprasse em Lisboa um bonito guarda-solinho de seda branca com rendas... (Queiroz, 1961, p. 51)

O mimo que Gonçalo escolhe para sua irmã simboliza a fragili-dade, a candura e a pureza de Gracinha.

b) guardanapo e luva:

No episódio que Gonçalo recusa um guardanapo por estar sujo (Queiroz, 1961, p. 73), os dois objetos desempenham funções semelhantes, sublinham um traço da personalidade de Gonçalo Mendes Ramires. A sua obsessão pela pureza do branco em face de Manuel Pereira e Sanches Lucena demonstra como Gonçalo faz questão de enfatizar a sua nobreza e tradição representadas pelo branco.

A música, na obra de Eça de Queiroz, é uma personagem atuante, determinando ações e comportamentos. Em *A Ilustre Casa de Ramires*, uma canção cujas funções diegéticas são relevantes é o *Fado dos Ramires*, composto por Viderinha (homem do povo), narrando os feitos e as celebridades dos Ramires.

O Fado dos Ramires ao piano vai se decompondo à medida que se desenrola a história contada por Gonçalo de um caso envolvendo André Cavaleiro e a irmã Noronha:

1) *...Gracinha martelava o piano estudando o Fado dos Ramires.* (Queiroz, 1961, p.113)

2) *Sob os dedos de Gracinha o Fado dos Ramires esmoreceu apenas roçado, num murmúrio incerto.* (Queiroz, 1961, p.114)

- 3) *O pobre Fado dos Ramires debandou pelo teclado num tumulto de gemidos desconcertados e ásperos...*(Queiroz, 1961, p.114)
- 4) *...O piano emudecera; mas Gracinha não se movia no môcho, com os dedos entorpecidos nas teclas, como esquecida diante da larga fôlha onde se enfileiravam, na letra apurada do Videirinha, as quadras triunfais dos Ramires...*(Queiroz, 1961, p. 115)

Através do piano, Gracinha demonstra ainda conservar algum interesse por André Cavaleiro. O esmorecimento do Fado dos Ramires remete à decepção de Gracinha e às lembranças dolorosas da desilusão amorosa do passado. Simbolicamente, representa o início da queda moral de Gracinha.

Quando André Cavaleiro já está freqüentando o palacete dos Barrolos, depois da reconciliação com Gonçalo, novamente a linguagem musical é personagem ativa. Gracinha e o primo Mendonça, não encontrando as partituras do Fado dos Ramires, o substituem pela *Pérola*, uma valsa composta pelo primo que lembrava o *Fausto* por causa da cadência amorosa. Cavaleiro tira Gracinha para dançar. É o primeiro contato físico dos dois:

...Pequenina e leve, tôda ela se perdia, como se fundia na força máscula do Cavaleiro, que a arrebatava em giros lentos, com a face pendida, respirando os seus cabelos magníficos. (Queiroz, 1961, p.205)

Mais uma vez, o Fado dos Ramires, ou melhor, a sua ausência, determina o segundo passo da queda de Gracinha, que se completará na consumação do adultério.

Novamente a música vai delinear os sentimentos de Gracinha. Desta vez, simbolizando o fim do envolvimento amoroso com André:

...Era uma antiga canção patriótica de Vendéia, que outrora na torre, ela e Gonçalo entoavam com emoção, quando os inflamava o amor fidalgo e romântico dos Bourbons e dos Stuarts...(Queiroz, 1961, p. 341)

Na escolha da canção, Gracinha retoma a honra dos Ramires valorizando a fidalguia em detrimento à relação mundana com Cavaleiro.

Ao final do romance, a inclusão de Gonçalo no *Fado dos Ramires* (Queiroz, 1961, p. 314), que ocupa duas estrofes, uma a mais que os seus antepassados, representa a consagração popular do seu feito heróico que o tornou um verdadeiro Ramires e a popularidade que Gonçalo ignorava ter:

— *É curioso! Esta gente tôda parece gostar de mim!...*
(Queiroz, 1961, p. 314)

A partir do instante que Gonçalo toma conhecimento da sua força e coragem e do sentimento do povo em relação a si, é tomado de uma auto-confiança que será responsável pelo seu sucesso.

As cartas também são objetos-personagens que aparecem repetidamente na obra de Eça de Queiroz. Elas têm a função de desequilibrar a narrativa, despertando sentimentos ora negativos, ora positivos nas personagens e de veicular informações e pontos de vista diferentes.

As cartas anônimas são recorrentes em *A Ilustre Casa de Ramires*. Temos Três cartas anônimas: a primeira de Gonçalo, escrita para o jornal atacando Cavaleiro pelo caso do Noronha. As duas outras das Lousadas: uma para Gonçalo, ironizando a sua reconciliação com Cavaleiro e insinuando a sua cumplicidade com o adultério; a outra para Barrolo, ridicularizando-o e sugerindo o adultério de Gracinha e André. As cartas anônimas simbolizam, além da denúncia de comportamentos suspeitos, a hipocrisia da sociedade e da artificialidade e conveniência das relações sociais pois, a mesma pessoa que elogia, também faz intrigas.

Há momentos em que os objetos são mais atuantes que as próprias personagens. É o caso das cenas que precedem o jantar de Cavaleiro no palacete dos Barrolos e as do próprio jantar. Os objetos conotam a voluntariedade de Gracinha em reatar relações com André Cavaleiro. Neste sentido temos:

a) **almanaque de lembranças**: Gracinha ao folheá-lo, recobra todos os acontecimentos do passado e portanto, o seu namoro com o governador civil. Isso faz com que se predisponha a recomençar um relacionamento com ele.

b) **vestido branco**: Gonçalo o sugere a Gracinha, com a intenção de agradar Cavaleiro e conseguir seu patrocínio político. O vestido branco que *remoçava a sua graça quase virginal* (Queiroz, 1961, p.195) simboliza para a romântica Gracinha, as vestes nupciais e a conduz cada vez mais para o adultério.

c) **ovos queimados**: Também sugeridos por Gonçalo: — *O André, antigamente, também gostava muito de ovos queimados...* (Queiroz, 1961, p. 194). Eles são colocados à mesa por Gracinha sugerindo a sua nostalgia e o desejo de agradar, reconquistar o homem amado.

Todos esses objetos implementam um jogo de sedução elaborado por Gonçalo e prontamente aceito por André. No entanto, Gonçalo não mede as conseqüências de seus atos e muito mais que agradar o governador civil, induz Gracinha ao adultério.

Outro episódio em que a simbologia dos objetos é muito explorada é quando o Casco aborda Gonçalo com um cajado na mão e este foge covardemente (Queiroz, 1961, p.129). Nas versões de Gonçalo sobre o caso ele diz que foi atacado com uma foice e com uma espingarda. Os três objetos colocados num mesmo plano se contradizem, pois o cajado é um instrumento de trabalho de pastor de ovelhas e sugere auto-defesa, enquanto que a foice e a espingarda sugerem um ataque maldoso e premeditado, uma tentativa de

assassinato. A espin-garda é incompatível com as posses de um lavrador e por isso não condiz com a situação, mas é um elemento que compromete e envolve muito o Casco.

Um objeto que, sem dúvida, é personagem no romance e é responsável pelo episódio que representa o clímax da ação narrativa é o chicote *escuro e comprido, com três arestas afiadas como as de um florete* (Queiroz, 1961, p. 272). Em princípio é apenas mais um adereço antigo, que junto com os demais presentes na torre evocam o passado. Mas a partir do momento em que Gonçalo, encurralado, se utiliza dele em auto-defesa e sai vitorioso, o chicote torna-se o símbolo da bravura do fidalgo e por isso, o instrumento que o faz conquistar sua honra e sua torre, que simboliza a glória dos seus antepassados.

Finalmente, podemos concluir que *A Ilustre Casa de Ramires*, com uma temática idealista, conservou dos romances-inquérito a técnica da linguagem simbólica dos objetos determinando a ação, técnica que consagrou a obra de Eça de Queiroz, considerada a excelência do Realismo Ocidental.

GAVASSI, Maria Amarante Cheung. *Space modalities in 'A Ilustre Casa de Ramires'*. The space-mouing and the objects-characters. INSTRUMENTO CRÍTICO. Vilhena,1: 55-67. 1998.

ABSTRACT: The disposition of the objects in *A Ilustre Casa de Ramires*, by Eça de Queiroz establishes a non-verbal code for the communication of feelings and attitudes. Certain objects, in specific episodes, are real characters in action because they unleash some events and cause the ending of others. Thus, the space description can anticipate the character's way of being and acting.

KEY-WORDS: Portuguese Literature; Realism; space; characters; *A Ilustre Casa de Ramires*; Eça de Queirós.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. 5. ed. Trad. de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, s/d.

LINS, Osman - **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

QUEIROZ, Eça de - **A Ilustre Casa de Ramires**. São Paulo: Brasiliense, 1961.